

Cidades

A TRIBUNA COM VOCÊ EM COBILÂNDIA

Cabeleireiro cria salão itinerante

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT

Morador do bairro, Edmo Nunes chega a atender 30 pessoas por dia para cortar cabelo e fazer barba em sua van adaptada

Tayla Oliveira

Para enfrentar a crise e driblar as dificuldades financeiras, o cabeleireiro Edmo José Nunes, 55 anos, inovou e transformou a sua van em um salão itinerante em Cobilândia, Vila Velha.

Ele chega a atender 30 pessoas por dia e faz cortes de cabelos femininos e masculinos e barba. Os serviços custam a partir de R\$ 13.

“Antes de transformar a minha van em um salão, eu trabalhava em imóveis alugados e em salões de amigos. Porém, o aluguel começou a pesar e resolvi fazer algo diferente. Foi até uma forma de trazer algo diferente para o bairro e atrair clientes. E tem dado muito certo”, contou o cabeleireiro.

Edmo colocou a ideia em prática há três meses e, segundo ele, tem aguçado a curiosidade de quem circula pelo bairro. “Muitas pessoas param para tirar foto, outras me abordam para saber como funciona o salão sobre rodas. É muito legal ver as pessoas se interessarem pelo meu trabalho.”

Apesar de ter montado o salão itinerante há pouco tempo, o cabeleireiro já tem planos para tornar o empreendimento, chamado Ponto



EDMO NUNES em seu salão itinerante Ponto Chic: “Muitas pessoas param para tirar foto, outras me abordam para saber como funciona o salão”

Chic, mais atrativo e moderno.

“Pretendo comprar um carro maior e montar um ambiente mais aconchegante e confortável para meus clientes, que tenha banheiro, poltronas de espera e local para lavar o cabelo, o que atualmente não tem, e vai me possibilitar, inclusive, ampliar os serviços que ofereço. Quero também dar oportunidade para que jovens aprendam a profissão e possam trabalhar comigo.”

Edmo contou que tudo o que sabe no ramo da beleza aprendeu com a prática, a curiosidade e ne-

cessidade de ter uma profissão. “Sempre fui envolvido com ações comunitárias, e nessas atividades eu aprendi a cortar cabelos. Mas pretendo fazer cursos para aprimorar o que eu já sei”, afirmou.

MÚSICA

A van que ele usa como salão de beleza tem outra finalidade nos finais de semana: transportar os equipamentos de som de Edmo, que também é músico, compositor e toca teclado.

“Há 10 anos eu trabalho com



música e toco em festas, casamentos e formaturas. Comecei ainda criança, por influência familiar. Agora estou trabalhando em algo mais autoral e pretendo lançar em breve músicas próprias.”

HISTÓRIA DO BAIRRO

Loteamento

- > O BAIRRO COBILÂNDIA surgiu de uma fazenda.
- > A REGIÃO era também conhecida como Sapa e Ilha das Pedras.
- > O BAIRRO foi fundado em 1951, com o loteamento, comercializado por Benício Gonçalves, dono da fazenda.
- > O NOME foi dado devido a uma espécie de vegetação nativa chamada cobi, própria de solos úmidos.
- > O BAIRRO também era cercado por lagoas e córregos, cobertos com a chamada taboa.
- > NO INÍCIO, os moradores tinham dificuldade de sair do bairro, pois tinham de ir até São Torquato a pé, para pegar ônibus.
- > O DESENVOLVIMENTO começou em 1960, quando o bairro ganhou energia, água encanada e ônibus.

Fonte: Moradores do bairro.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores do bairro Cobilândia, em Vila Velha, podem sugerir reportagens pelo e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br.

Quem é de outra região também pode usar o mesmo endereço de e-mail para sugerir a visita do projeto “A Tribuna com Você” ao bairro onde mora.



ALEXANDRINO: 49 anos no bairro

Bairro com 30 casas

O aposentado Alexandrino Barbosa, 80, mora no bairro há 49 anos. Ele conta que quando chegou a Cobilândia, a região – que hoje tem cerca de 8 mil moradores – na época tinha apenas 30 casas.

“Os postes ainda eram de madeira e uma caixa d’água de 20 mil litros abastecia as 30 casas”, lembrou o aposentado.

Segundo ele, somente depois o bairro começou a crescer. “O comércio, por exemplo, iniciou o crescimento em 1975”, disse.

Antiga fazenda

Morador de Cobilândia desde 1961, o aposentado Gelber Regis Barbosa, 76, lembra que a área do bairro era uma antiga fazenda com criação de animais. “Onde hoje vemos asfalto, antes era área de brejo, com solo bem úmido e criação de animais, como boi e cavalo”, contou o morador.

Gelber acompanhou de perto o desenvolvimento da região. “Em 1972 começamos a receber calçamento nas ruas, em 1980 chegou o asfalto, assim como a expansão do comércio.”

Mas, segundo ele, uma característica prevaleceu. “Ainda temos os pés de mangas por todo o bairro.”



GELBER acompanhou melhorias